

Silves e a Ocupação Muçulmana do Algarve

ROSA VARELA GOMES *

Abstract

Recent archaeological excavations in Silves (Algarve) illustrate the importance of the islamic city. Relevant information on the urban plan, collective infrastructure and housing has been added to the knowledge of the fortification structures. This paper emphasises the imported ceramics, contributing to a better understanding of the trade networks to which Silves was linked, from the 8th to the 13th centuries.

Introdução

O estudo da presença muçulmana no Algarve dependia, até há pouco tempo, da interpretação dos textos de geógrafos, historiadores e poetas medievos, da leitura de cinco epígrafes, assim como de numismas, ou da presença de cerâmicas e outros escassos objectos provenientes de achados avulsos (Borges, 1991, 97; Marinho, 1991, 89; Vasconcellos, 1902, 119-123; 1918, 133-135, fig. 15; Viana, Formosinho e Ferreira, 1953, est. IV).

Considerava-se, também, que as habitações, palácios, mesquitas e estruturas defensivas, daquele período, tinham sido alteradas, ao serem adaptadas a novas soluções funcionais, simplesmente destruídas, depois da conquista cristã, ou, ainda, desaparecidas em consequência dos violentos terramotos que se sabe terem assolado aquela região natural. Os espólios de uso comum, como as cerâmicas, eram, normalmente, provenientes de recolhas casuais ou de escavações arqueológicas desprovidas de registos estratigráficos. E, por isso, sem cronologias precisas sendo, em ambos casos, classificados em função de peças exumadas noutras zonas da Península e, naturalmente, em estações com outra dinâmica evolutiva.

A desvalorização dos vestígios islâmicos pode, de igual modo, ter estado relacionada com determinados ideais patrióticos e de exacerbada religiosidade cristã, sobrevalorizando preferencialmente, em termos de importância e antiguidade, espólios e testemunhos da arquitectura romana. Estes foram sempre considerados, consensualmente, mais significativos e imponentes; verdadeiras referências culturais por vício oriundo da Renascença. Destruíram-se, e ainda hoje se destroem, níveis medievais e, em especial, muçulmanos, para se estudarem ocupações mais antigas, tanto nas áreas

urbanas como rurais.

Assim, pouco se sabia, até há última década, dos artefactos, de uso comum, utilizados durante cerca de cinco séculos, ou sobre a vida quotidiana daquela permanência no nosso território. Ignoravam-se, mesmo, os espólios dos séculos VIII e IX, ou seja, os testemunhos materiais de cerca de duzentos anos de intensos contactos comerciais e culturais com o Norte de África e com o Oriente. Iguamente a vinda de populações, em época recuada, daquelas regiões, para a Península e para o Algarve, verdadeiras etnomigrações que muito terão alterado os panoramas técnicos, artísticos e ideológicos, foram esquecidas.

As escavações que, desde 1979, temos vindo a efectuar na área urbana de Silves, de colaboração com Mário Varela Gomes, e na sua alcáçova, apesar de circunscreverem-se a espaços reduzidos, têm sido extremamente importantes para a compreensão do tecido urbano e dos sistemas defensivos que cercavam a cidade islâmica, das suas estruturas habitacionais, assim como, entre outros aspectos, na identificação das mais antigas cerâmicas muçulmanas peninsulares ou na diferenciação dos acervos arqueológicos em geral, entre os séculos VIII e XIII, (Gomes e Gomes, 1990; Gomes, 1989, 32-37). Aquelas estruturas e espólios integravam sequências estratigráficas desenvolvidas, por vezes alcançando a Idade Moderna, cujas cronologias têm vindo a ser confirmadas através de séries de datações por ¹⁴C.

Da importância de Silves

Silves e o Algarve

A integração do Algarve, a partir de 713, no Emirato Omíada, de Damasco, interrompe uma certa continuidade, algo conturbada, no mundo tardo-romano ou visigótico-bizantino daquela zona. De facto, a chegada dos novos

* Universidade Nova de Lisboa. Instituto Oriental da U.N.L.

conquistadores-colonos muçulmanos, provocou, além de alterações socioeconómicas, políticas e religiosas, profundas transformações na organização e valorização de determinados agregados urbanos. Silves é um bom exemplo de cidade que, aparentemente, sem grande prestígio nos séculos VI-VII, passou a ser considerada nos textos islâmicos, desde o século X aos inícios do século XIV, como a maior ou, pelo menos, uma das mais importantes urbes do *Garb al-Andalus* (Blázquez, 1901, 16-18; Coelho, 1975, 300-302; Lévi-Provençal, 1938, 129-131, 140, 141, 192; 1953, 91; Lopes, 1895, 276; Molina, 1983, 59, 60). Ela foi, também, o último grande porto muçulmano do Ocidente, escolhido, logo em 846, como local de embarque da embaixada de Abderramão II que negociou a paz com a corte normanda.

A preponderância e influência de Silves, conquistada por Abd al-Aziz em 713, pode, de igual modo, estar relacionada com os seus primeiros ocupantes maometanos que, segundo os textos, seriam oriundos do Yémen (Blázquez, 1901, 17; Lévi-Provençal, 1938, 130). A quase mítica proveniência dos seus habitantes, da região que esteve na origem da própria civilização islâmica, enobreceu-a, tal como por ter sido uma das últimas grandes cidades muçulmanas do Ocidente Peninsular.

Não esqueçamos que, no século XI, Silves foi eleita, pelo rei al-Mutadid de Sevilha, de entre todas as cidades dependentes daquele reino taifa, para ser administrada pelo seu filho e príncipe herdeiro, al-Mutamid, que nela permaneceu vários anos e lhe dedicou, posteriormente, eloquente poesia em que recorda, “*com saudade*”, “*os tempos ali passados*” (Coelho, 1975, 300-302).

Em Silves funcionou, mesmo, uma oficina monetária que cunhou moedas, de prata, durante as Segundas Taifas, conhecendo-se um exemplar de ouro, o único batido no actual território português, datado de 1149 (Marinho, 1991, 89).

Quando, nos finais do século XII (1189), D. Sancho I conquistou medina Xelb, acrescentou ao título de rei de Portugal, o de Silves e do Algarve, dado o especial significado político-religioso de tal empresa (Herculano, 1847, 216). Este domínio foi efémero, pois o califa almoada, Ya'qub al-Mansur, investiu, como represália, contra o território cristão até ao Tejo, obrigando, cerca de dois anos depois, os ocupantes cristãos de Silves a retirarem-se em paz. O esplendor da antiga Xelb, destruída e incendiada em 1189, pelos homens do rei português coadjuvados por cruzados, foi parcialmente restituído, tendo-se então realizado grandes obras públicas e, nomeadamente, remodelado ou erguido novos dispositivos defensivos.

A magnificência da cidade associou-se, desde sempre, a presença dos seus poetas, como Mariame Alansari, Ibne Almilhe, Ibne Amar, Assilbia, assim como historiadores e filósofos, dos quais não devemos esquecer Ibn Qasi, Ibne Asside, Ibne Mozaine, Ibne Badrun e Salam

al-Bahili (Arié, 1987, 371, 392, 394, 410; Coelho, 1975, 51, 151, 253, 363, 365, 367, 385).

A grande importância de Silves foi partilhada, no Algarve, com Faro, intercalando entre estas duas urbes a liderança daquela região ou, então, dominando, separadamente, o Barlavento e o Sotavento, ao tornarem-se capitais de dois reinos independentes. O limite entre as duas cidades seria, sensivelmente, o mesmo definido, hoje, entre os concelhos de Albufeira e o de Loulé, distando, por isso, esta “fronteira” cerca de 25 Kms de ambas, o que correspondia a uma jornada de caminho. Assim, seria necessário andar dois dias para percorrer, a pé, a distância entre elas, coincidindo igualmente a demarcação entre aqueles núcleos urbanos, com a divisão das duas zonas geográficas algarvias acima referidas. Aliás, ainda no século XVI, o concelho de Silves abrangia um vasto território que se estendia desde Albufeira a Sagres, ou seja, a todo o Barlavento Algarvio.

Silves no Barlavento

A área de influência de Silves prolongava-se para ocidente, incluindo todos os actuais concelhos do Barlavento e parte dos do Baixo-Alentejo. Ali existiu significativo centro religioso considerado, por cristãos e muçulmanos, local de grande devoção - a Igreja do Corvo. Esta, segundo Edrisi (Blázquez, 1901, 17, 18), situava-se sobre um promontório a sete milhas do Cabo de S. Vicente o que equivalia, possivelmente, a cerca de 10 Kms daquele, próximo da latitude da actual Vila do Bispo, enquanto para outros ela seria no antigo *Promunturium Sacrum*.

No século XII localizava-se na região de Silves o *ribat* fundado pelo famoso mestre sufi Ibn Qasi, dali natural, que a tradição localiza em Aljezur. No entanto, os textos indicam a existência de um convento, de aguerridos monges fundamentalistas, no sítio da Arrifana (Seybold, 1903, 125). Este, no caso de ser fortificado, poderia ser o referido *ribat* edificado junto à costa, como era costume no Norte de África, não invalidando a presença de um castelo em Aljezur que controlaria os acessos, por terra e mar, à orla marítima voltada a sul.

A segurança de todo o Algarve Ocidental, nos séculos XII-XIII, assentava em complexo sistema defensivo constituído por povoações amuralhadas, pequenas fortificações (*husun*) e torres atalaias, dependentes de Xelb. A maior concentração de tais dispositivos situava-se próximo daquela cidade e sob o seu controlo.

Junto ao litoral predominavam as povoações amuralhadas, como Alvor, Estombar, Alcantarilha e Albufeira. As pequenas fortificações, com guarnição militar, poderiam estar isoladas, como o *hisn* denominado Castelo Belinho, do Linho no século XV, ou próximas de povoações, como os *husun* de Porches, S. Bartolomeu de Messines e Paderne, guardando importantes pontos de passagem.

Muitas das torres atalaias terão sido reutilizadas em épocas ulteriores, ficando assinaladas na toponímia e existindo os alicerces de algumas delas, sobretudo junto à costa. Na confluência da ribeira de Odelouca com o rio Arade, frente ao ilhéu do Rosário, reconhecem-se os restos de um daqueles elementos defensivos, com planta rectangular. Se as primeiras torres referidas vigiavam o Litoral, a última estaria numa situação de onde se observava Silves e quem subisse o Arade, então navegável até bem a montante da cidade e constituindo a grande via de penetração no *hinterland* do Barlavento Algarvio.

As estruturas defensivas referidas, além de protegerem os agregados urbanos próximos do mar, defendendo-os da pirataria, turca e cristã, vigiavam os principais caminhos, assim como as zonas de passagem entre o Baixo-Alentejo e o Algarve. Integrava esta mesma estratégia, o pequeno castelo ou *hisn* da Cola (concelho de Ourique), que controlaria uma das rotas utilizadas para quem vindo do Norte se dirigisse ao *Garb* (fig. 1).

A Cidade

Dispositivos defensivos

A grandeza da cidade de Silves deve-se, em parte, à sua implantação estratégica entre a Serra e o Litoral, no

cruzamento de duas antigas vias de acesso ao Algarve (uma por S. Bartolomeu de Messines e outra por Monchique) e, suficientemente, próxima da costa para auferir dos recursos marinhos, numa zona rica em água, minérios, matas e solos agrícolas férteis. Esta situação, privilegiada, pode ter estado na origem da sua ocupação muçulmana logo no século VIII. Ela foi assinalada com a construção de importante dispositivo defensivo, encontrado sob troço da muralha, almoada, que cercava a medina, assentando sobre estrato com cerâmicas tardo-romanas e visigótico-bizantinas, posto à vista aquando da escavação arqueológica do local onde se ergue, actualmente, o Museu Municipal de Arqueologia de Silves (SILV.3) (Gomes e Gomes, 1990, 61).

Os materiais exumados sob a fortificação referida, e a própria estrutura em si, são indicadores de que Xelb teria sido, também, cidade com certa importância, pelo menos nos séculos VI-VII, justificando-se, assim, tal construção. É provável que ali se erguesse a *Cilpes* romana, capital da terceira civitas algarvia, que cunhou moeda no século I a.C. conforme, aliás, sugerem alguns significativos testemunhos arqueológicos (Alarcão, 1990, 361).

As escavações realizadas na alcáçova da cidade, ainda não permitiram o reconhecimento de estruturas defensivas atribuíveis ao século VIII, mas ali identificámos

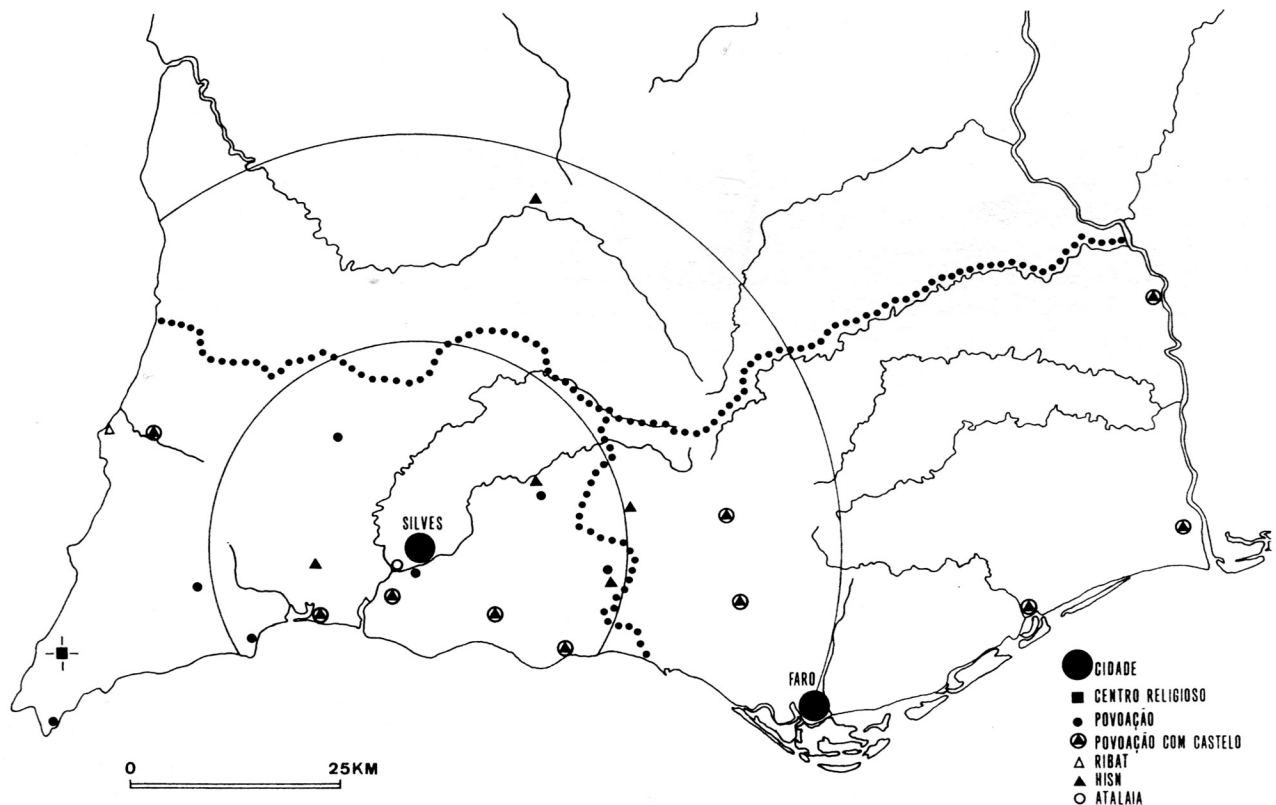


Fig. 1 - Área de influência de Silves no Barlavento Algarvio.

importante ocupação daquele período. Esta foi confirmada, não só através da estratigrafia detectada, como de datações absolutas de amostras de carvões, através do radiocarbono, que ofereceram cronologias calibradas do século VIII, com intervalos situados entre 670-890 (Ly-4167) e 672-881 (ICEN-569).

Descobrimos, no local primeiramente assinalado, restos de um segundo dispositivo defensivo, do século IX, que assentava sobre materiais do século VIII.

Nos inícios do século X a muralha referida terá sido destruída, não se tendo identificado, até agora, nem na área urbana nem na alcáçova, qualquer vestígio de fortificação correspondente àquela centúria. Este facto é compreensível, pois então não se justificaria a construção de uma nova fortificação, cercando uma cidade do Sul, situada a certa distância da costa, dado ser o período áureo da permanência muçulmana na Península. O derrube daquele dispositivo defensivo pode, caso ele tenha existido, ter sido executado por ordem de Abd-Al-Rahman III, depois de 929, quando Silves foi incluída no Califado de Córdoba. De facto, este governante mandou destruir, a partir de 925, várias muralhas do Sul da Península, como as de Sevilha, restando insurreições locais de carácter independentista (Gomes, 1988, 28).

Foi possível atribuir ao século XI, um troço de muralha na zona correspondente à alcáçova. Esta fortificação é mencionada no poema intitulado “*Evocação de Silves*”, escrito pelo citado rei de Sevilha, al-Mutamid. No local onde identificámos os anteriores panos de muralha que cercavam a medina, não existia nenhum resto de fortificação que pudéssemos atribuir àquele período. Assim, a cidade possuiria, somente, muralhas na zona correspondente ao Castelo ou, no caso de existir uma segunda ordem de muralhas que a cercasse, esta teria que passar por outro local, distante daquele onde efectuámos a intervenção arqueológica que permitiu reconhecer os restos de dispositivos defensivos assinalados.

No século XII Silves terá sido cercada, pelo menos, por duas ordens de muralhas, correspondendo aos actuais perímetros da medina e da alcáçova. Todavia, segundo a descrição deixada por um dos cruzados que participou na sua conquista, no Verão de 1189, a cidade era defendida por quatro ordens de muralhas, conservando-se, ainda hoje, alguns dos dispositivos então mencionados, como a grande torre albarrã que protegia a porta voltada a sul, referida como “*alvierana*” e, actualmente, denominada Porta de Loulé (Pimenta, 1982, 166).

Os dispositivos defensivos hoje visíveis, em geral bem conservados, foram reconstruídos após a reconquista islâmica da cidade, datando, por isso, dos últimos anos do século XII ou já do século XIII. Tais trabalhos integraram importante campanha de reabilitação não só das fortificações como de estruturas de apoio, ali se reconhecendo as inovações estratégicas introduzidas

pe-los almoadas como as torres albarrãs, com matacões, uma torre poligonal, que ainda se encontrava de pé neste século, e a couraça que os textos contemporâneos referem.

A construção de muralhas, além de serem prestigiadas para uma cidade, seriam, em todas as épocas, muito dispendiosas. Conforme vimos, Silves teria sido fortificada na fase inicial e na fase final da permanência muçulmana, particularmente a partir da desagregação do Califado Omíada de Córdoba e, em especial, nos séculos XII e XIII.

A proximidade do avanço militar cristão, tornou necessária não só a edificação de dispositivos defensivos que cercassem as principais cidades e povoações, como verdadeiras linhas de fortificações, que incluíam os *husun* e as torres atalaias, ou de equipamento de apoio, no interior dos aglomerados urbanos, como celeiros e cisternas. Recordemos que a capitulação de Xelb, em 1189, ficou a dever-se, principalmente, à falta de água e de alimentos, acabando os sitiados por, depois de prolongado cerco num Verão excepcionalmente quente, terem de render-se (fig. 2).

Habitações e equipamento colectivo

Descobrimos, no interior da alcáçova de Silves, várias estruturas habitacionais, sobrepostas, pertencentes, provavelmente, às diferentes áreas palatinas que ali existiram. Verificámos que nos inícios do século IX foi regularizada parte da área hoje no interior da alcáçova, destruindo-se as estruturas existentes, atribuídas ao século VIII, de modo, possivelmente, a permitir a construção de um novo espaço habitacional. Ulteriormente, nos séculos X e XI, sobre as estruturas referidas, ergueram-se novas construções. Destas conhecemos, apenas, parte de alguns dos compartimentos que, por ora, não permitem definir as suas funções.

Pelo contrário, os dois últimos níveis de ocupação muçulmana, correspondentes aos séculos XII e XIII, integram estruturas reconhecíveis em termos funcionais e que deixam definir a articulação entre elas, identificando-se parte de duas vivendas ou habitações unifamiliares.

À habitação palatina do século XII, construída adossada a um dos panos de muralha que cercaria a alcáçova, pertence uma porta de entrada e parte de um átrio, que daria acesso a duas áreas distintas; por um lado a dois pequenos compartimentos contíguos e, por outro, através de uma porta, a um espaço que funcionou como cozinha. Neste nível identificámos, ainda, sectores de dois outros compartimentos embora sem aparente ligação entre eles.

A casa do século XIII, mais escavada, mostra a zona do átrio de entrada que comunicava com a rua através de uma porta, de que resta a soleira. Do átrio tinha-se acesso a um pátio que sofreu, durante os cerca de cinquenta anos de utilização, alterações à sua concepção inicial. Assim, na parte norte, existia o típico jardim das casas islâmicas, com

planta rectangular, passeio envolvente, sob o qual foi construída uma cisterna. O acesso à água fazia-se por um degrau, a partir do passeio, e através de um bocal hoje desaparecido. O depósito de água foi, posteriormente, desactivado e entulhado, conforme demonstra o muro de um pequeno compartimento, sobre ele construído. A partir do pátio passava-se, através de entradas distintas, por um lado à zona da cozinha e, por outro, a uma área privada da habitação onde, a um dos cantos, se encontrava uma casa de banho, provida de latrina e de bidé. A vivenda foi edificada mantendo significativo distanciamento do pano de muralha e permitindo, por isso, a circulação tanto de homens, como de cavalos ou de máquinas de guerra. Tal solução, não foi, como observámos, contemplada no planeamento da alcáçova anterior (Gomes, 1990).

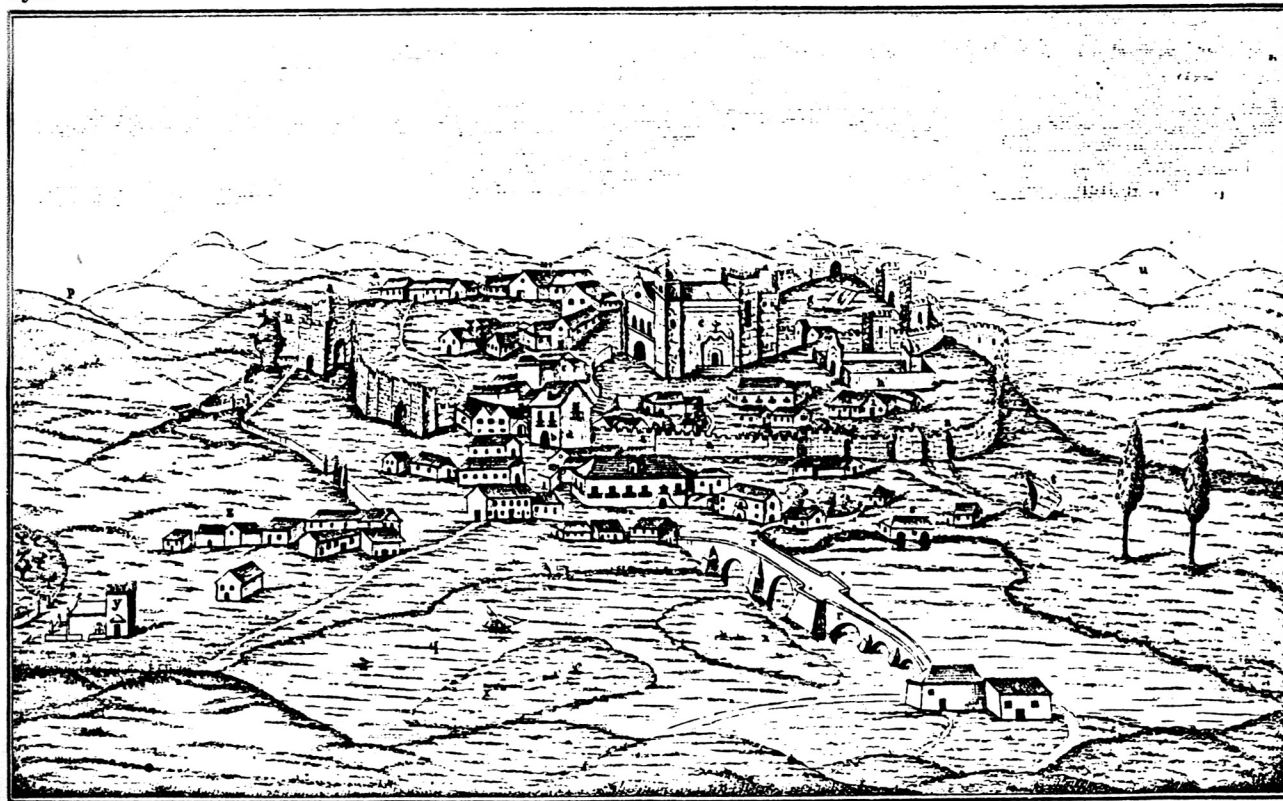
Na área urbana de Silves descobrimos, de igual modo, estruturas habitacionais, muito fragmentadas no local onde se ergue o actual Museu, destruídas devido a construções ulteriores. No entanto, uma daquelas casas,

atribuída ao século XIII, encontra-se, também, a certa distância do pano de muralha. De algumas habitações muçulmanas restam-nos os poços e as cisternas, comuns nos pátios interiores das casas referidas. Aqueles sistemas de aprovisionamento de água, dada a sua habitual carência na região, continuaram a ser utilizados até ao nosso século. Aliás, tal como o grande depósito de água, almoada, existente a norte da alcáçova que, actualmente, continua a abastecer a cidade.

Pertence à mesma época que temos vindo a tratar, o monumental poço-cisterna, localizado perto da Porta de Loulé ou da Cidade, desactivado no século XVI, e que abastecia o *hamman*, ali próximo, e, por certo, aquela parte da medina. Existe um provável protótipo, romano, para este monumento de Silves, em Tuna al Gabal, a sul do Cairo, construído em tijolo e que integra complexo conjunto de obras hidráulicas (Schioler, 1973, 141-145). É possível que Ibn Timselit, famoso general almoada responsável pela reestruturação de dispositivos defensivos do Sudoeste

Fig. 04. r.

SILVES



a.a. & Muralha da Cidade e Castello: (b) Porta da Cidade: (c) Cadeia: (d) Casas da Camara: (e) Sé: (f) Cisterna: (g) Castello: (h) Cemitério: (i) Residência do Párocho: (l) Igreja da Misericórdia: (m) Hospital: (n) Restos das torres das oito quintas: (o) Porta da Avoia: (p) Vista da parte oriental da faia de Monzi-que: (q) Rio Anade que desagua no Rio de Portimão: (r,r) Ponte: (s) Moimho da porta: (t) restos d'um torrião ao nascente da Cidade: (u) Vista da parte ocidental da serra ao N.E.: (x,x) Ilhotas no Rio: (z) Casas exteriores onde se fez a feira de Silves: (y) Ermida da S. dos Martyres.

Fig. 2 - Vista de Silves, em meados do século XIX, publicada por J.B. da Silva Lopes.

Peninsular, tenha dirigido a construção do poço-cisterna de Silves, depois de observar o monumento egípcio congénere, reproduzindo a sua arquitectura (Domingues, 1981, 19; Gomes e Gomes, 1989, 590, 591; Gomes, 1988, 28) (fig. 3).

Espólios, relações comerciais e culturais

Os materiais exumados durante as intervenções arqueológicas que temos vindo a efectuar em Silves, tanto na alcáçova como na área urbana, permitiram reconhecer a existência de peças importadas desde o século VIII, momento em que a cidade foi incluída no Emirato Omíada de Damasco, até ao século XIII, quando foi, definitivamente, integrada na Coroa Portuguesa. Aqueles espólios são provenientes de centros produtores localizados no Médio Oriente, Norte de África e de diversas regiões do *al-Andalus*. A moeda de troca utilizada em tais relações comerciais consistia nos produtos produzidos na área dependente da cidade, ou seja, em todo o Ocidente Algarvio. Os textos muçulmanos referem, de facto, que daquela região se exportavam figos e madeiras. Esta, seria tão abundante que justificou a instalação de um estaleiro de construção naval em Silves (Blázquez, 1901, 17; Lévi-Provençal, 1938, 130).

O cobre, extraído das minas de Sr^o Estêvão e da Cumeada, assim como o peixe, mariscos e o sal, poderiam ter dado, de igual modo, importante contributo para o enriquecimento económico de Silves e ter proporcionado o tráfico referido. O desenvolvimento das artes de pesca, tanto no rio Arade, sobretudo no seu estuário, como no mar, está bem patente na grande variedade de espécies capturadas, conforme documentam os espólios arqueozoológicos da alcáçova já devidamente estudados (Antunes, 1996).

Recentemente, ingressou no Museu Municipal de Arqueologia de Silves, uma enorme fateixa, de ferro, encontrada ao largo do Carvoeiro e utilizada em tais fainas. Pedços de uma corda enrolada à mesma foram datados, por 14C, no século XIII (Alves *et alii*, 1994).

Os restos de mamíferos utilizados na alimentação são, também, abundantes, tendo-se reconhecido nas camadas estudadas dos séculos VIII-X, como aliás seria de esperar, maior percentagem de ovicaprinos, em relação aos bovinos e estando o porco, "animal imundo", completamente ausente (Antunes, 1991).

Na verdade, só através de significativos recursos naturais, capazes de proporcionarem o bem-estar das populações, e o comércio, se pode justificar a prosperidade e o desenvolvimento dos valores culturais que a capital do Barlavento usufruiu, ao longo da permanência muçulmana, assim como a presença de bens importados, de grande qualidade, que conferiam prestígio aos seus possuidores.

As peças exógenas descobertas são numerosas e,

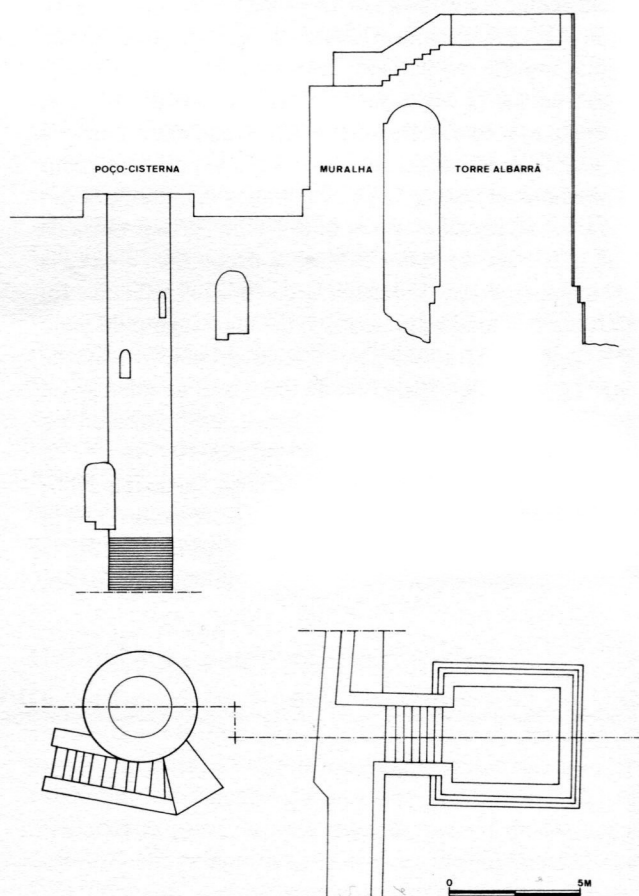


Fig. 3 - Planta e corte do poço-cisterna, muralha e torre albarrã anexa (Seg. M.V. Gomes).

sobretudo, constituídas por cerâmicas. Elas predominam na alcáçova onde, como é óbvio, viveria parte da elite dominante, mais culta e cosmopolita, e se têm processado escavações com maior continuidade.

Importações orientais

Século VIII

Os mais antigos espólios importados do Próximo Oriente foram trazidos para Silves pelas primeiras populações muçulmanas, durante o século VIII, possivelmente logo a partir de 713 ou, em 716 e 741, com a vinda de colonos orientais para o *al-Andalus* conforme alguns textos documentam (Arié, 1987, 18, 514). Muitos são, no entanto, testemunho de simples ligações comerciais.

Estas cerâmicas distinguem-se dos exemplares de proveniência local, ou mesmo norte-africana, devido à boa qualidade das pastas, muito bem depuradas, de cores claras, em tons rosados e beges, contendo elementos não plásticos imperceptíveis. As superfícies, bem afagadas, apresentam esmalte branco com decoração policroma, no

interior e sobre o bordo, em tons de verde e negro de manganés. Possuímos, apenas, taças que mostram formas abertas, de perfil quase hemisférico, tendo dois exemplares carena baixa algo acusada, bordos espessados ou extrovertidos e assentam em pé, baixo e anelar (fig. 4).

Os motivos decorativos, de tais produções, podem ser monocromáticos, ou associando as cores verde, por

vezes de tom turquesa, e negro de óxido de manganés. As primeiras oferecem pingos de cor verde ou manchas, pingos ou linhas escorridas e temas fitomórficos, de cor negra. As segundas mostram motivos compostos, como um cordão constituído por dois cabos sinusoidais entrelaçados, elementos fitomórficos, bolbos de lótus, figuras zoomórficas e bandas pseudoepigrafadas. Além desta

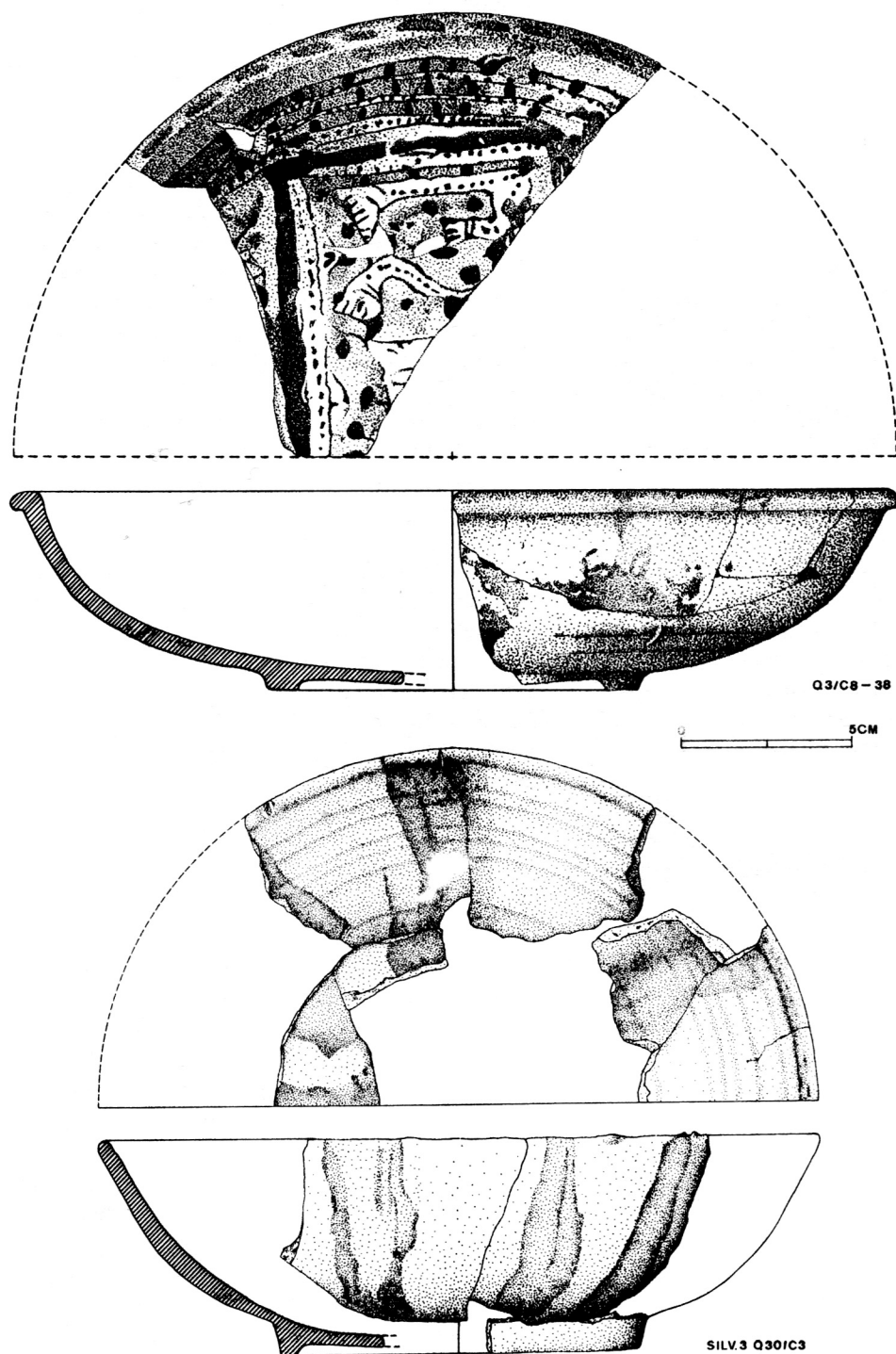


Fig. 4 - Taça, esmaltada, com decoração policroma (Castelo de Silves) e taça, esmaltada, com escorridos de cor verde (SILV. 3) (des. A. Machado).

ornamentação, algumas peças apresentam semicírculos pintados, sobre o bordo, ou pequenas manchas de cor verde.

Desconhecemos na Península paralelos para as loiças que referimos, tanto na forma, como no tratamento das superfícies e temática decorativa empregue. Assim, dada a vinda de populações orientais para o *al-Andalus*, naquela época, pareceu-nos que os, possíveis, paralelos ou protótipos para estes exemplares teriam que ser encontrados em contextos orientais.

Em termos formais são conhecidas cerâmicas semelhantes, provindas das escavações arqueológicas realizadas na ilha Failakah, na costa do Kuwait. Ali foram exumadas taças, que apresentam fundos assentes em pé baixo, anelar, atribuídas aos séculos VII-VIII, mostrando, também, pastas bem depuradas de cor creme e, algumas, mais raras, de cor rosada. As superfícies têm a mesma cor da pasta mas existem, de igual modo, outros exemplares com a parede interior esmaltada de cor azul turquesa (Patitucci e Uggeri, 1984, 74, 77, 78, 83, 121, 131, 143).

Cerâmicas com as superfícies esmaltadas e decoração policroma estão presentes em espólios recolhidos no nível III de Tépé de l'Apadana, em Susa, datado de meados do século VIII e que Monique Kervran (1977, 89) atribui a oficinas daquela zona.

Em Tureng Tepe encontraram-se, de igual modo, no nível VII C, dos séculos VIII-IX, taças esmaltadas, com decoração policroma, que oferecem motivos geométricos e outros pseudoepigráficos (Boucharlat, Lecomte, Gardin e Gyselen, 1987, 22, 138). Daquela mesma época são os materiais provenientes da Jordânia e que apresentam idêntica técnica ornamental (Sauer, 1982, 333).

Investigações recentes indicam, ainda, que, além dos ateliers de Susa, existiam no Próximo Oriente, durante o século VIII, mais dois importantes centros produtores de cerâmica esmaltada com decoração policroma, respectivamente em Sirjan e Khurasan. Em ambos, as taças assentam em fundos com pé em anel, muito semelhantes aos das peças de Silves (Williamson, 1987, 18, 19).

No Castelo de Silves a camada arqueológica que integrava as cerâmicas referidas foi datada pelo radiocarbono, a partir de carvões, tendo-se obtido, como já antes indicámos, cronologias próximas e em pleno século VIII.

Século IX

A esta centúria pertencem fragmentos de cerâmicas, exumados tanto na alcáçova como no local onde se ergue o Museu Municipal de Arqueologia. Pertencem a taças fabricadas com pastas de muito boa qualidade, com núcleo de tons rosados e beges, mostrando as superfícies esmaltadas com decoração policroma, nas cores verde e manganés. Possuímos um fragmento com porção do bordo, espessado e extrovertido, com lábio de secção semicircu-

lar, decorado com motivos geométricos, assim como outro, com parte do fundo, plano, que apresenta na superfície interior, possível motivo zoomórfico. Estas cerâmicas devem, ainda, de ser importadas, dado que só a partir do século X se terá iniciado a sua produção peninsular (Gomes, 1991, 29, 31).

Muitos dos fragmentos que recolhemos podem ter sido produzidos nos três ateliers, referidos, do Próximo Oriente, conforme acontecia com as produções mais antigas. No entanto, o fragmento de taça com porção do fundo, deve ser uma produção de Jiruft, o único centro onde são conhecidos recipientes semelhantes e com aquele mesmo tipo de bases (Williamson, 1987, 19).

Exumámos, também, um fragmento de taça (SILV.3 Q30/C3) com porção do bordo, com lábio de secção semicircular, assente em pé, baixo e em anel (fig. 4). Foi fabricada com pasta muito bem depurada, contendo elementos, não plásticos, de grão muito fino e ambas superfícies oferecem esmalte branco, de muito boa qualidade, com largas linhas escorridas de cor verde. Esta forma e, em especial, a técnica decorativa utilizada, teve grande divulgação, durante o século IX, tanto no Irão como no Iraque, Síria e Egípto, podendo apresentar uma ou mais cores. Encontramos peças muito similares, em Nishapur e, entre outros locais, nos níveis do século IX de Tépé de l'Apadana (Kervran, 1977, 89, 152; Soustiel, 1985, 42; Wilkinson, 1973, 54).

São, de igual modo, importações orientais os fragmentos de jarros e de taças, com pastas muito bem depuradas, contendo elementos, não plásticos, de grão finíssimo e paredes com núcleo de cor amarela clara, algo acinzentada ou rosada, que oferecem, numa das superfícies, decoração denominada de "corda seca parcial". Esta técnica tem antecedentes que remontam, em Susa, aos séculos VII-VIII, embora sem grande divulgação naquela região.

Séculos X a XIII

Recuperámos, sobre os pavimentos da habitação palatina da alcáçova, um fragmento de taça (Q1/C5-1), fabricado com pasta de cor bege, muito bem depurada, contendo elementos não plásticos imperceptíveis e as superfícies cobertas por esmalte, de muito boa qualidade, de cor branca e aspecto brilhante, decoradas com motivos pintados a reflexo metálico de tom ouro. A superfície interna exhibe, sobre o bordo, parte de uma inscrição em caracteres cúficos, inserida em cartela, delimitada por duas linhas paralelas. Observa-se, ainda, restos de um motivo que, possivelmente, formaria ornamentação floral integrada em grande círculo. A superfície externa mostra dois segmentos de círculos, concêntricos, dourados (fig. 5).

A banda, epigrafada, da peça que descrevemos é semelhante a uma outra que se vê num fragmento de taça, hoje no Museu Benaki de Atenas, de proveniência egípcia,

datada do século X, mas de cor verde e negra de manganês (Philon, 1980, 55, fig. 116, est. V). O exemplar de Silves, além da banda epigrafada apresenta decoração de reflexo metálico em ambas superfícies e, por isso, podemos atribuí-lo às produções de Fustat, no Egipto, e à época Fatimida (Gomes, 1988, 107, 108).

Obtivemos, recentemente, datações radiocarbónicas, a partir de carvões, para o nível arqueológico que integrava o fragmento de taça referida e que, uma vez calibradas, indicam intercepções em 886 cal. D.C. (ICEN-672), 985 cal. D.C. (ICEN-874) e 985 cal. D.C. (ICEN-877). Aquelas datas ofereceram, respectivamente, os intervalos de calibração

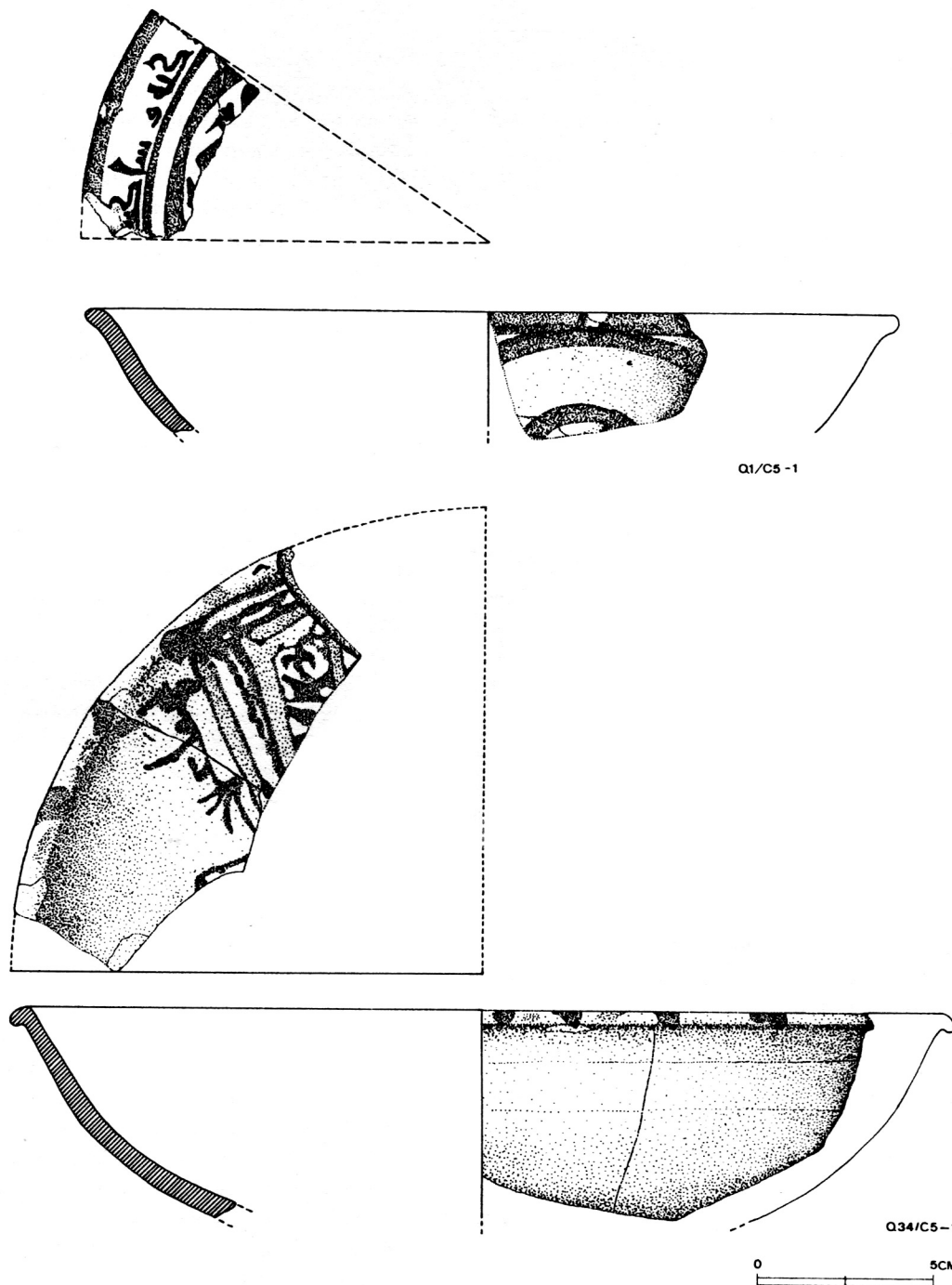


Fig. 5 - Taça, esmaltada, com decoração de reflexo metálico dourado, e taça, esmaltada, com decoração policroma (Castelo de Silves) (des.M. Carmo e A. Machado).

para 2 *sigma*, de 779-971 cal. D.C. (ICEN-672), 899-908 cal. D.C., 949-1028 cal. D.C. (ICEN-874) e 893-1022 cal. D.C. (ICEN-877).

Não dispomos, por ora, nos níveis correspondentes aos séculos XI-XII de materiais, claramente, importados do Próximo Oriente. Todavia, exumámos no interior de uma das canalizações da habitação palatina almoada (século XIII), fragmentos de vidros que pertenceriam a uma jarra. Esta tinha cor azul escura e estava decorada com motivos pintados, a vermelho vinhoso e dourado, constituindo círculos concêntricos que intercalavam com bandas, verticais, de temática geométrica. Existe um bom paralelo para esta peça de Silves num fragmento, em exposição no Museu do Louvre (nº inv. 6682), atribuído ao século XIII e às oficinas sírias. O fragmento do museu parisiense contém, no interior dos círculos, representações de figuras humanas.

Produções norte africanas

Séculos VIII-IX

Os exemplares de cerâmicas mais antigos que descobrimos foram recolhidos nos níveis pertencentes aos séculos VIII e IX, tanto na alcáçova como no local da área urbana antes mencionado (SILV.3). Estes materiais apresentam pastas bem depuradas, de cores rosadas, beges e cinzentas claras, contendo elementos não plásticos de grão fino a médio. As superfícies são da mesma cor da pasta ou mostram aguada de tom mais claro. Sobre as paredes interiores de taças ou exteriores de púcaros e de um tambor, foi pintada decoração, de carácter geométrico, nas cores laranja e vermelha.

Possuímos, ainda, taças, púcaros e lamparinas, com pastas semelhantes às anteriores, cor-de-laranja ou vermelhas, mostrando superfícies num tom algo mais escuro que o núcleo, no caso daquelas últimas, e com decoração pintada, de cor branca, nas restantes.

As taças, tanto as fabricadas com pastas claras (SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q36/C4; SILV.3 Q37/C3; SILV.3 Q41/C3 - SILO), como as de tom avermelhado (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q38/C3), apresentam bordos planos, ligeiramente espessados no exterior e demarcados por incisão, com lábios de secção semicircular, por vezes algo biselados no interior, ou bordos extrovertidos, quase horizontais, com lábios de secção semicircular ou sub-rectangulares. Assentam em base plana ou algo convexa.

Os exemplares com bordo extrovertido mostram decoração constituída por quatro bandas reticuladas executadas com bateria de pincéis (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q37/C3; SILV.3 Q38/C3) que, em dois casos (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q30/C3), estão separadas por pseudo asteriscos (fig. 6). Sobre os bordos dos restantes, foram pintados grupos de linhas que têm entre quatro e sete traços (SILV.3 Q36/C4; SILV.3 Q41/C3 - SILO).

Duas das taças apresentam, ao centro, reticulado semelhante ao do bordo (SILV.3 Q17/C3; SILV.3 Q37/C3), embora inserido numa cartela definida por quatro linhas, pintadas, duas de cada lado, sendo numa ladeada por pseudo asteriscos (SILV.3 Q17/C3). Duas outras (SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q41/C3 - SILO) oferecem, centralmente, um motivo estelar, pintado com traço fino. Em uma delas (SILV.3 Q41/C3 - SILO), aquela decoração é formada por um círculo, a cheio, delimitado exteriormente por pequenos semicírculos, com ponto central, intercalando com séries de três traços (fig. 7). A outra (SILV.3 Q41/C3 - SILO) mostra, no interior do círculo, quadrícula delimitada por cartela definida por quatro linhas, duas de cada lado. Também uma pequena taça (SILV.3 Q36/C4) oferece, no interior do fundo, duas teorias de semicírculos, com ponto central, que intercalam com séries de três traços, formando uma espécie de métopa.

As taças, com bordos extrovertidos, encontram paralelos formais num exemplar proveniente do Cerro da Vila (Vilamoura), embora este mostre decoração bem mais elaborada e tenha sido atribuído ao século X (Matos, 1983, 388).

De igual modo, uma outra taça exumada no “criptopórtico” da alcáçova de Mértola, classificada nos séculos IX-X, tem semelhanças formais e decorativas com as peças acima referidas de SILV.3 (Torres *et alii*, 1991, 503). O exemplar de Mértola exhibe, além de uma quadrícula pintada sobre o bordo, motivo no interior do fundo, constituído por duas linhas ladeadas de semicírculos, com ponto central, intercalando com séries de traços verticais. Conforme descrevemos, anteriormente, as decorações pintadas das taças por nós exumadas (SILV.3 Q30/C3; SILV.3 Q36/C4; SILV.3 Q41/C3 - SILO) apresentam aquele mesmo tema, embora com disposição algo diferente.

Decoração semelhante foi, igualmente, utilizada no bojo de uma cantarinha, recolhida em antigas escavações efectuadas no Cerro da Vila (Vilamoura) mas que, tal como a maioria das peças daquele arqueossítio, foi atribuída aos séculos IX-X. Na camada 8 do Castelo de Silves exumámos fragmentos de jarros com o mesmo tipo de decoração.

Parece-nos, pois, que as peças de Silves, Vilamoura e Mértola, podem ter sido produzidas numa mesma oficina durante o século VIII. É, contudo, provável que tais recipientes tenham pervivido, em termos formais, até ao século X. Reafirmamos, no entanto, o facto de serem, em Silves, muito escassos os fragmentos com aquela ornamentação nos níveis atribuídos ao século IX e sendo, por ora, inexistentes no século X.

A camada arqueológica que integrava duas das taças mencionadas de Silves foi datada pelo radiocarbono, a partir de carvões. Uma das datações (SILV.3 Q30/C3), quando calibrada, apresentou intervalo, para 2 *sigma*, entre 659-820 cal. D.C. e 839-855 cal. D.C., (ICEN-551), enquanto a outra (SILV.3 Q36/C4), ofereceu intervalo, para 2 *sigma*,

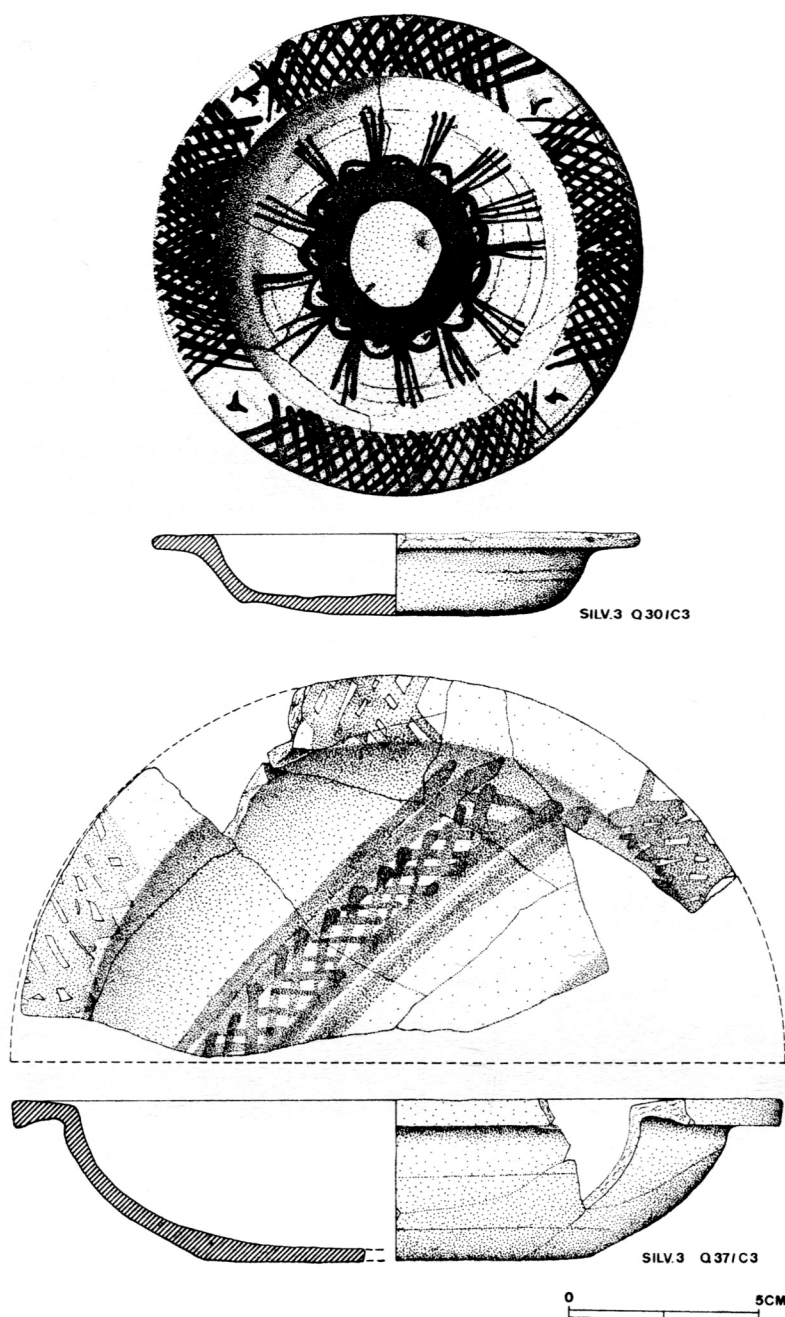


Fig. 6 - Taças com decoração pintada (SILV. 3). (Des M. Carmo e A. Machado).

entre 804-1002 cal. D.C. (ICEN-589). Ambas datações são, pois, estatisticamente semelhantes e confirmam a atribuição cronológica proposta.

Os púcaros fabricados com pastas claras (SILV.3 Q4/C4; SILV.3 Q34/C4; SILV.3 Q37/C3; SILV.3 Q37/C3) e os exemplares com pastas avermelhadas (Q3/C8-33; Q3/C8-34; SILV.3 Q4/C4), têm bordos com lábios de secção semi-circular, uma ou duas asas opostas, de secção oval, que ligam o bordo ao corpo, e fundo plano. Possuem duas formas distintas; uma de corpo vertical, colo alto e duas

carenas, no colo e no fundo, oferecendo a segunda forma corpo cilíndrico e uma ou duas asas. Os primeiros apresentam decoração pintada de cor branca, junto ao bordo e constituída por bandas reticuladas, com traço fino, delimitadas por duas linhas horizontais, mostrando uma terceira sob o referido motivo. A separação entre o colo e o corpo é acentuada por um traço pintado. No corpo mostram séries de quatro a cinco segmentos de recta, paralelos, dispostos na vertical ou oblíquos (SILV.3 Q37/C4), formando ziguezague (Q3/C8-33; Q3/C8-34) que, em

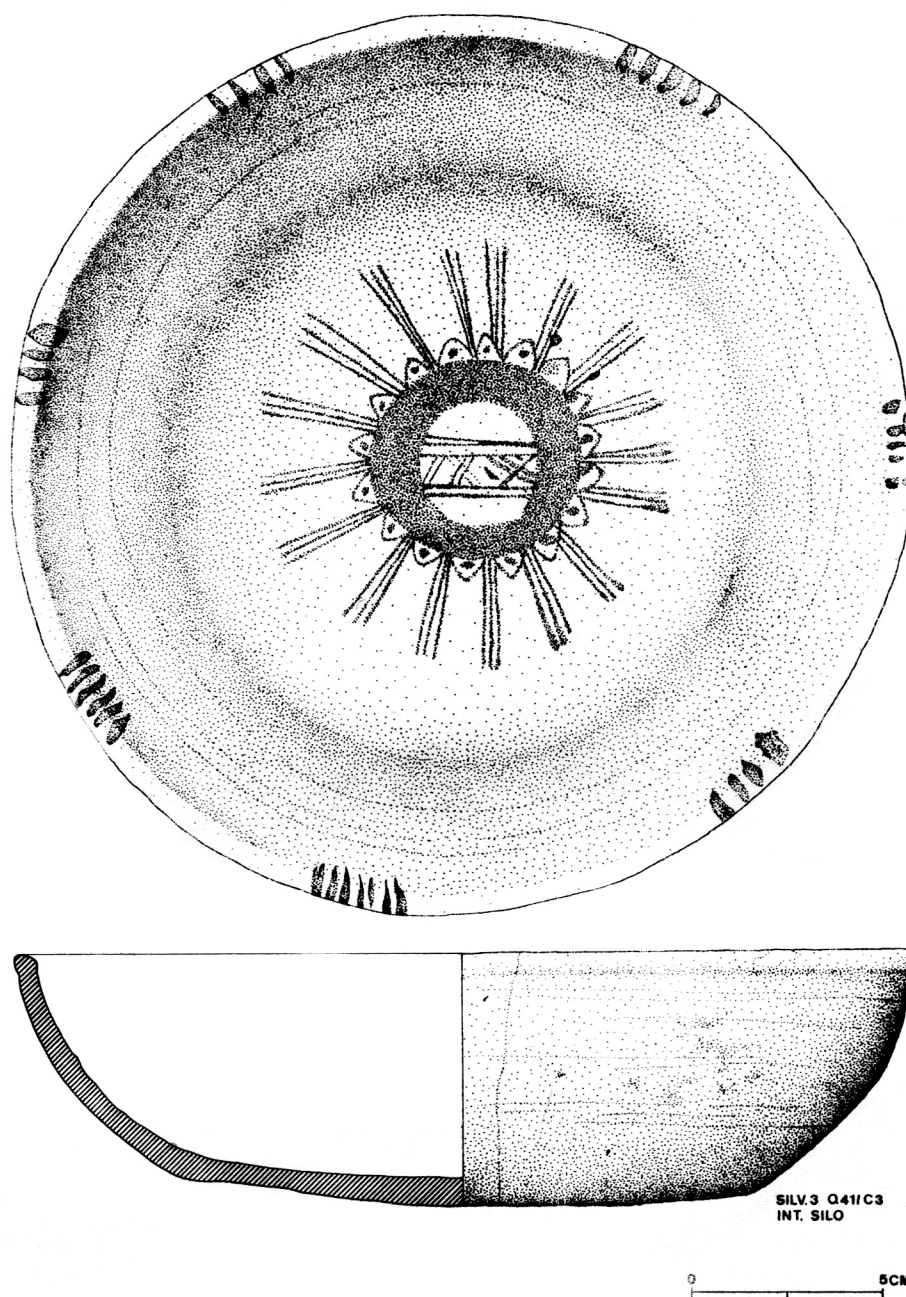


Fig. 7 - Taça com decoração pintada (SILV. 3). (Des. A. Machado).

qualquer dos casos, ocupam o corpo da peça até à carena que antecede o fundo.

Os púcaros com corpo vertical exibem decoração inserida em cartelas, definidas por dois ou, mesmo, três traços horizontais. O interior das bandas apresenta séries de três traços verticais, com ponteados entre dois deles (SILV.3 Q4/C4), segmentos de recta, formando zig-zague, preenchidos por séries de pontos, deixados em aberto (SILV.3 Q37/C3), teorias de semicírculos, com ponto central, que intercalam com séries de traços verticais (SILV.3 Q37/C3), ou quadrículas pintadas com traço fino (SILV.3

Q34/C4). Sobre as asas mostram séries de traços horizontais ou verticais.

Verificámos, em Silves, que os púcaros mais antigos assentam em fundo plano. Na verdade, as peças com corpo vertical e, em especial, os exemplares de pequena altura não foram, por ora, encontrados em contextos posteriores ao século IX, mas sendo mais abundantes nos níveis do século VIII.

O estrato arqueológico que continha púcaros em SILV.3 (Q4/C4), foi datado pelo radiocarbono a partir de carvões (ICEN-202) e de valvas de *Cerastoderma edule*

(ICEN-225). A primeira amostra, depois de calibrada, ofereceu intervalo entre 780-993 cal. D.C. (ICEN-202), para 2 *sigma*. A segunda mostrou intervalo entre 640-920 cal. D.C. (ICEN-225), para 2 *sigma*. Tais datações, próximas das anteriormente mencionadas, reafirmam as cronologias atribuídas.

As lucernas, fabricadas com pastas de tons avermelhados, oferecem corpo subcircular, bico espesso e largo, em especial na ligação com o reservatório, tal como gargalo com lábio de secção semicircular. Possuem asa sub-circular ou vertical, com secção oval (fig. 8).

Descobrimos, na camada 8 do Castelo de Silves, um tambor (Q3/C8) constituído por corpo cilíndrico e campânula de forma troncocónica. O bordo da campânula é introvertido e seria tapado com pele. Oferece decoração no corpo, formada por quatro bandas verticais, opostas duas a duas, pintadas com dois motivos distintos: um reticulado, delimitado por dois traços largos e um traço central, a cheio, a partir do qual se adossam semicírculos preenchidos por pequenos pontos (fig. 8). Peça rara nos contextos islâmicos peninsulares, encontra um paralelo, mais tardio, em Múrcia, classificado, na primeira metade do século XIII e outros no Oriente, nomeadamente em Tépé de l'Apadana e em Susa, atribuídos aos séculos VIII-IX. Nestes dois últimos arqueossítios existem tambores com pastas claras, decorados com bandas pintadas, mas oferecendo um exemplar de Susa a superfície exterior esmaltada, policroma, com raras representações de aves (Kervran, 1977, 87, 146, 147; Palazón, 1991, quadro tipológico; Rosen-Ayalon, 1974, 103, 107).

Produções peninsulares

Verificámos, em particular nos níveis correspondentes ao início da permanência muçulmana na cidade, a existência de peças como os alguidares, frigideiras e pratos, pertencentes ao fundo cultural autóctone, com antecedentes nas produções tardo-romanas e visigótico-bizantinas (Gomes, 1988, 94, 95).

Embora muitos dos objectos utilizados no quotidiano, pelas populações residentes em medina Xelb, possam ter sido produzidos na região, segundo modelos exógenos como certas cerâmicas utilizadas para confeccionar ou conter alimentos, existem, também, peças importadas de diferentes áreas do *al-Andalus*. Estas, foram muito divulgadas no Sul da Península e, em determinadas épocas (almorávida e almoada), existiram exemplares semelhantes em ambas orlas do Mediterrâneo (Gomes, 1988, 94, 95, 114, 146, 147).

Espólios do século X.

Entre os materiais exumados sobre os pavimentos da área palatina, correspondente à ocupação califal da alcáçova, devemos referir um fragmento de placa,

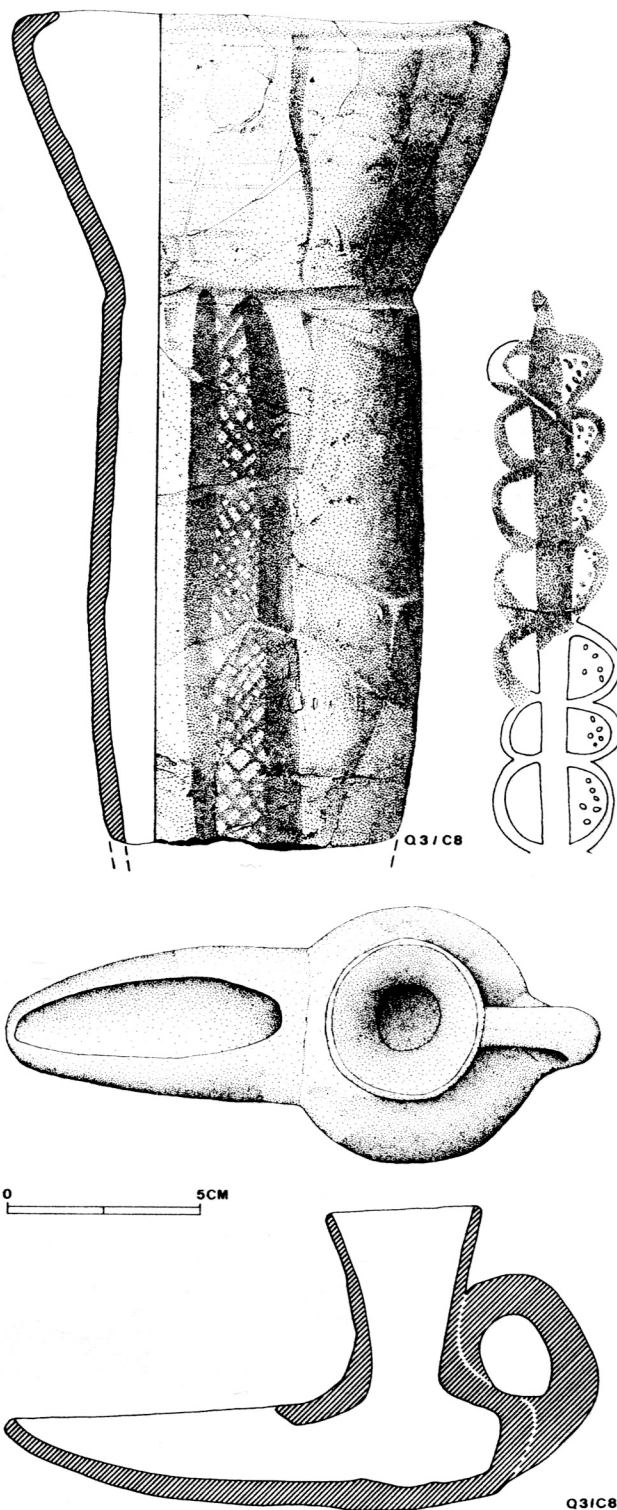


Fig. 8 - Tambor, com decoração pintada, e lucerna (Castelo de Silves). (Des. de C. Gaspar).

insculturada, de marfim. Esta poderia ter pertencido a pequeno cofre ou a outro móvel, de igual modo com função decorativa. Mostra forma rectangular, com moldura simples, oferecendo numa das faces a representação de uma ave de rapina, possivelmente uma águia, e na face oposta a figuração de uma corça ou veado jovem. Os dois animais referidos, estão ladeados por elementos fitomórficos (fig. 9). Os paralelos disponíveis indicam-nos que terá sido produzida numa oficina cordovesa, entre os anos de 966 e 1008. A análise, pormenorizada, da gramática decorativa utilizada na peça de Silves, e a ausência de trépano, aproximam-na das produções atribuídas à oficina de Halaf. Conforme vimos anteriormente (4.1.3.), as datações radiocarbónicas obtidas para o nível arqueológico que integra esta peça estão de acordo com a cronologia acima referida (Gomes, 1993, 79-81).

A esta mesma centúria pertencem fragmentos de taças que apresentam formas abertas, com bordos espessos ou extrovertidos, assentes em pé, baixo e anelar (fig. 5). Foram fabricadas com pastas de cores rosadas e acinzentadas. As superfícies esmaltadas exibem decoração policroma, formada por motivos fitomórficos, pseudo-epigrafados e geométricos (Gomes, 1988, 106; 1991, 29, 31). Estas peças, a nosso ver, reproduzem as formas e as decorações dos exemplares importados, do Mediterrâneo Oriental durante o século VIII, mas sendo já de fabrico peninsular, possivelmente de um dos vários centros produtores que então existiram, como Medina-az-Zahra e Múrcia (Gomes, 1991, 29, 31, 32; Palazón e Avilés, s/d, 257, 258, 324, fig.5)

Espólios almoadas (séculos XII-XIII).

Recuperámos, no pátio da habitação palatina da alcáçova, fragmentos pertencentes a duas grandes talhas, esmaltadas a verde, decoradas com bandas estampilhadas

(fig. 10). Estas oferecem motivos antropomórficos, como a “mão de Fátima”, zoomórficos, constituídos pela representação de um onagro, epigráficos, assim como composições arquitectónicas, fitomórficas e geométricas (Gomes, 1991, 394, 401). Aquelas peças, e muitos dos motivos decorativos que as ornamentam, tiveram grande divulgação, durante o período almoadá, no *al-Andalus*, conhecendo-se exemplares no Norte de África e podendo terem sido produzidas no Sul da Península (Gomes, 1988, 138-144).

Provavelmente, teriam a mesma proveniência das talhas, as taças carenadas, esmaltadas a verde e em tom castanho claro, amarelado ou melado, com decoração incisa na superfície exterior, por vezes cobertas com tampas de fecho hermético, contendo decoração similar. Ali encontramos, também, taças com carena acusada, decoradas, no interior do fundo, com friso de pequenas estampilhas, integradas em cartela circular (fig. 11).

Outras taças, possivelmente produzidas nas oficinas valencianas ou andaluzas, mostram decoração de “corda seca” na superfície interior. Exumámos, de igual modo, peças com ornamentação de reflexo metálico, acentuado, num jogo de claro escuro, através de linhas incisivas; técnica observada numa jarra. Esta, poderá ter sido fabricada nas oficinas de Málaga, onde se associava aquela técnica decorativa ao esgrafito (Gómez-Moreno, 1940, 349). Verificámos que dois dos exemplares, por nós recolhidos, um fragmento de taça (Q33/C2-3) (fig. 12) e cerca de um terço de pequeno pote (Q5/C2-1), com decoração de reflexos metálicos, têm bons paralelos em peças provenientes do Mediterrâneo Oriental, nomeadamente da Síria e Egipto, tal como do Irão, locais onde a utilização daquele tipo de ornamentação remonta à segunda metade do século VIII (Gomes, 1991, 35, 36; Grabar, 1984, 208; Smith, 1985, 26). No entanto, a produção peninsular de cerâmicas

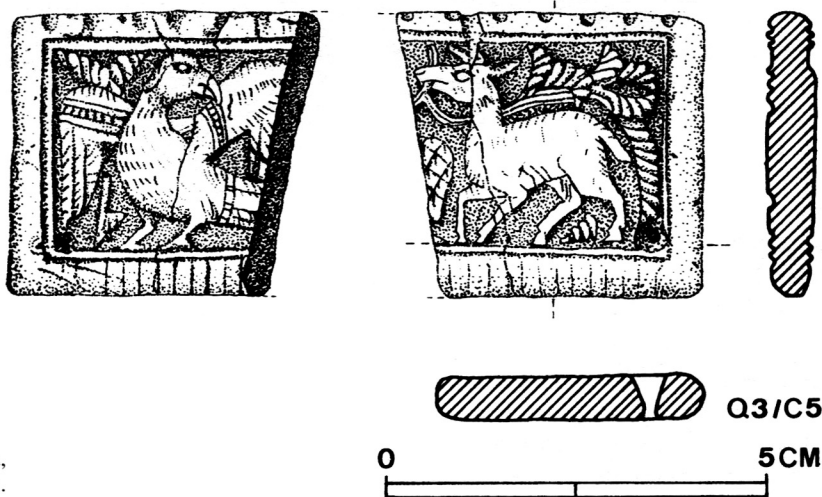


Fig. 9 - Fragmento de placa, insculturada, de marfim (Castelo de Silves). (Des. A. Machado).

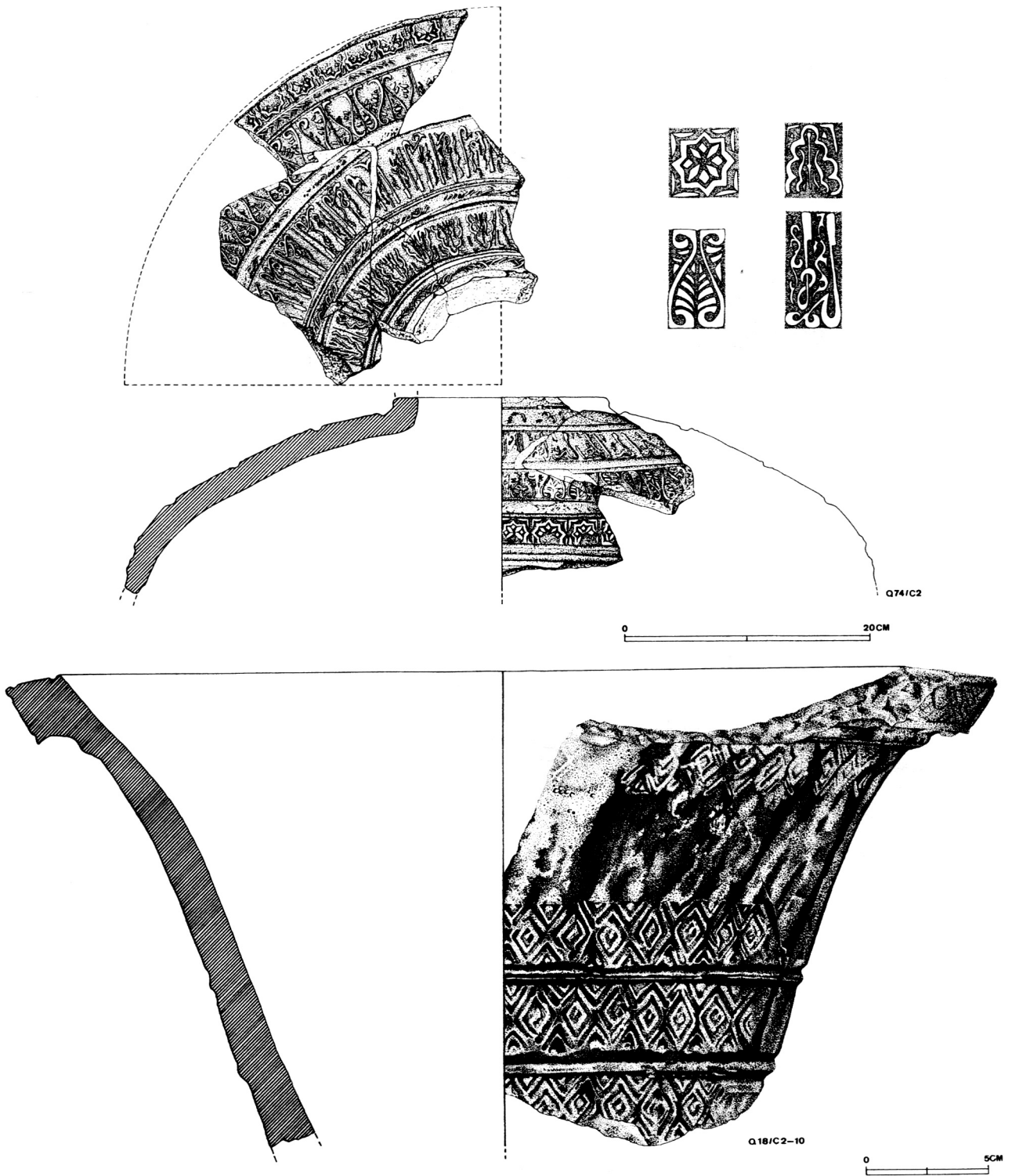


Fig. 10 - Fragmentos de talhas, decoradas por estampilhagem e esmaltadas a verde (Castelo de Silves). (Des. A. Machado e L. Moura).

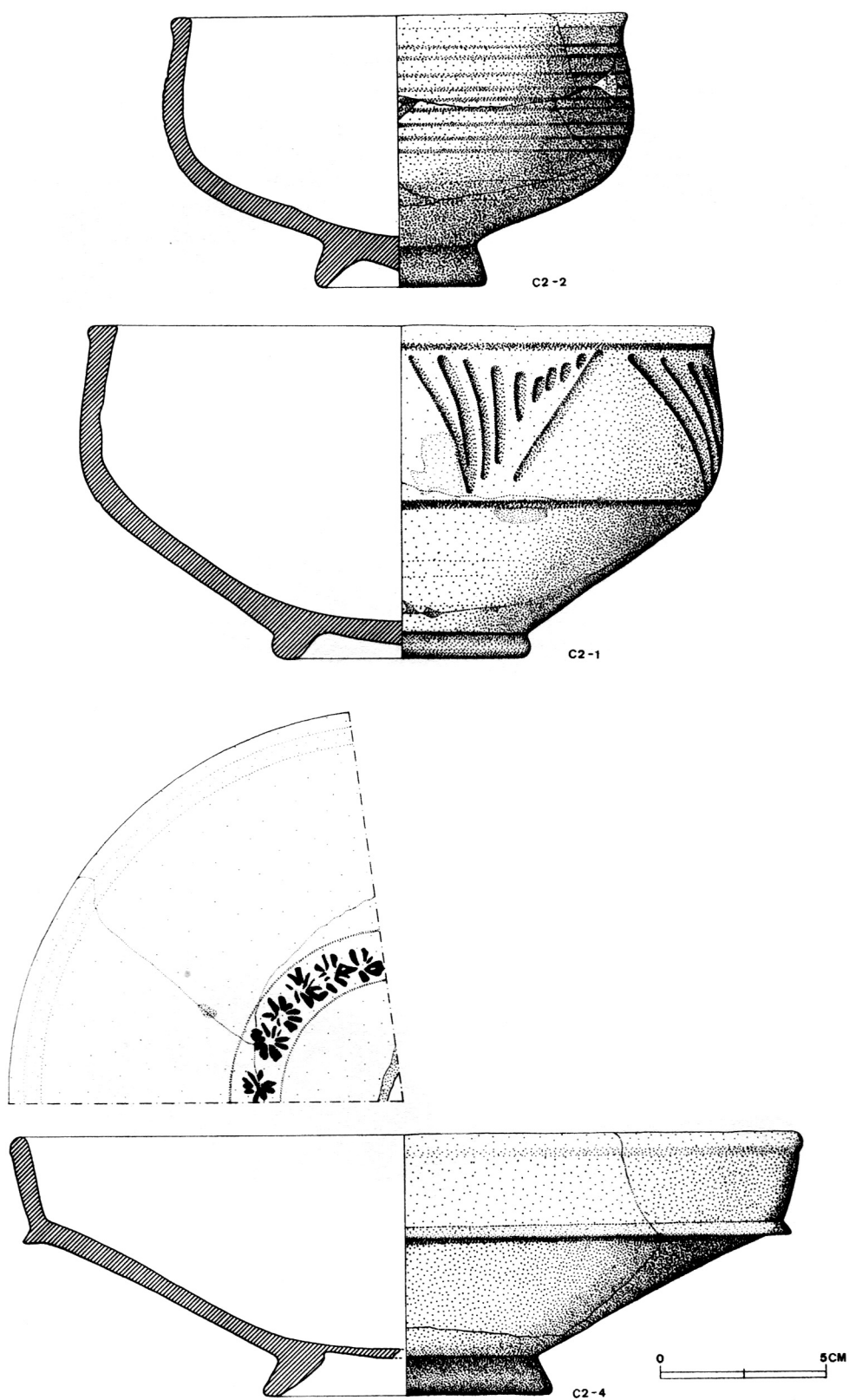


Fig. 11 - Taças incisas e estampilhadas, esmaltadas a verde e a amarelo (Castelo de Silves). (Des. M. Carmo e L. Moura).

de reflexo metálico pode ter-se iniciado nos finais do século X, coincidindo com o fabrico de peças esmaltadas com decoração policroma, implementado por Abd al-Rahman III (Gomes, 1988, 97, 98). Conhecem-se muito mal, tanto as formas como os motivos decorativos empregues em tais cerâmicas fabricadas na Península, nomeadamente em Calatayud, conforme informa Edrisi em 1150, e, naquele mesmo século, em Múrcia. Estes dois grandes centros exportadores deverão de estar na origem das, ulteriormente, muito divulgadas cerâmicas de Paterna e Manises. Às produções de Múrcia, do século XIII, podemos atribuir os pequenos fragmentos pertencentes a jarras, fabricadas com pastas e superfícies de cores claras, que apresentam na

parede exterior engobe negro, sobre a qual foi aberta decoração esgrafitada com motivos de carácter epigráfico, fitomórfico e geométrico (Gomes, 1988, 127; Palazón, 1986, 234, fig. 500; 1986a, 48).

Importadas devem ser, também, as ânforas empregues para armazenamento e transporte de diferentes produtos e que estão presentes nos níveis almoadas. Diferenciam-se dos exemplares de épocas anteriores por mostrarem colo alto, bordo espessado exteriormente, com lábio algo biselado, fundo ligeiramente convexo e as paredes exteriores caneladas.

Além das peças de cerâmica dispomos de outros objectos, como as pequenas taças e frascos, de vidro, que,

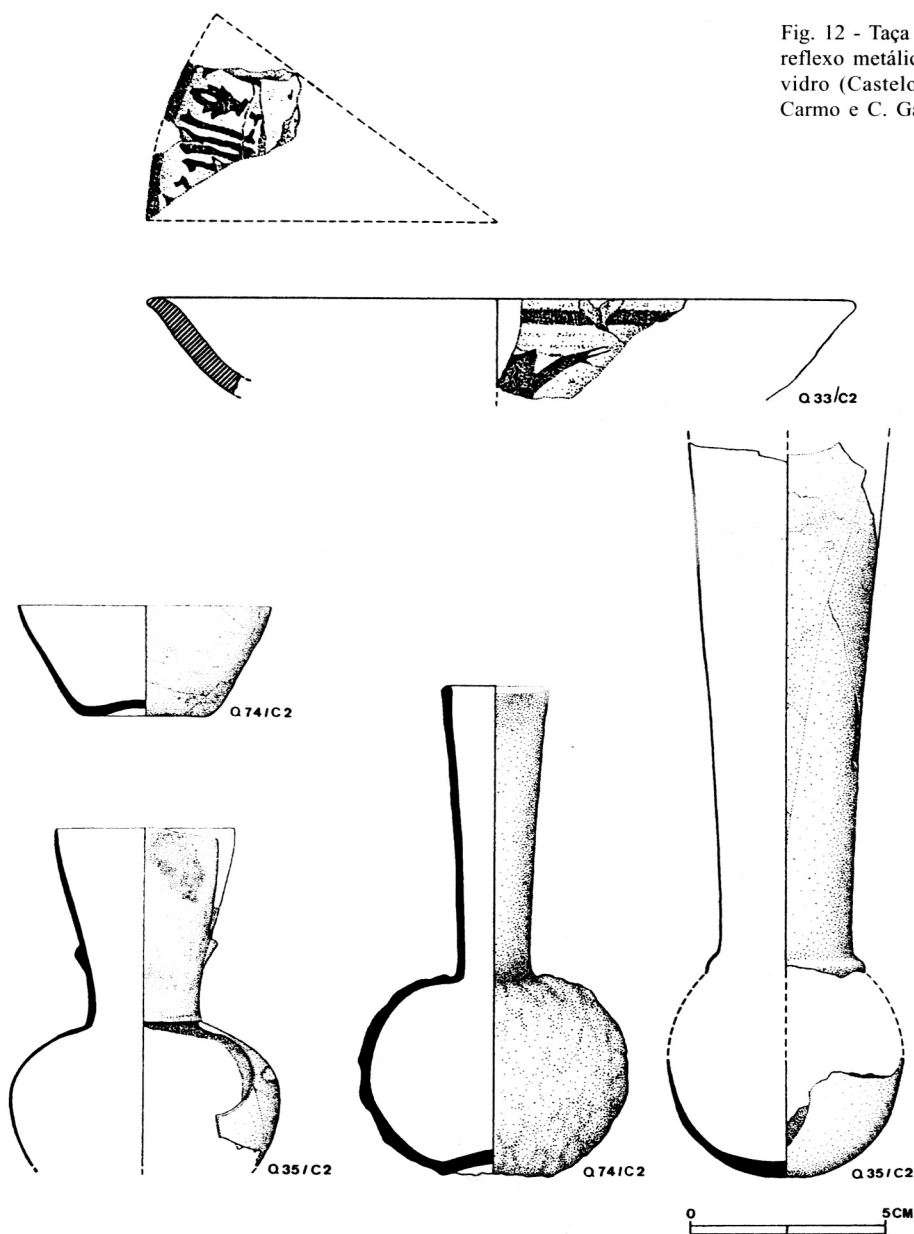


Fig. 12 - Taça esmaltada, decorada de reflexo metálico dourado, e peças de vidro (Castelo de Silves). (Des. M. Carmo e C. Gaspar).

dadas as suas dimensões, poderiam ter sido utilizados para conter perfumes ou outros produtos de cosmética (fig. 12). Tais vidros podem proceder das oficinas cordovesas, que se sabe terem existido desde o século IX (Arié, 1987, 250).

Os diremes quadrados, de prata, encontrados, um pouco por toda a área urbana de Silves, oferecem em ambas superfícies legendas inseridas em cartelas, com frases piedosas. Embora a maior parte destes numismas não mostre qualquer indicação sobre a cidade em cuja oficina foram emitidos, um exemplar, exumado sobre o pavimento da habitação almoada da alcáçova, indica ter sido cunhado em Córdoba. Oferece legenda em escrita nesqui onde se pode ler no anverso: “*Não (há) Deus senão Allah. Todo o poder (é) para Allah. Não (há) força senão em Allah*” e, no reverso, “*Allah nosso Senhor, Maomé, nosso enviado. Al-Mahdi nosso Imane (Pontífice).*”

Conclusões

A análise dos textos, relativos a Silves, assim como os dados oferecidos pelas escavações arqueológicas que ali temos vindo a efectuar, testemunham a sua grande importância durante o período islâmico, tal como a sua liderança sobre todo o Barlavento Algarvio. Tal preponderância foi partilhada, no Algarve, apenas com Faro, cidade que dominou o Sotavento.

As riquezas naturais existentes na área de influência de Silves, contribuíram, de modo decisivo, para o bem-estar das suas comunidades. Ali existiam extensas matas, terrenos com boas aptidões agrícolas, férteis hortas e pomares, minas de cobre e o mar era, então, muito rico em peixe, marisco e sal. Tais bens permitiram o comércio entre outras regiões do *al-Andalus* e à distância, com o Norte de África e o Próximo Oriente, de onde se importaram mercadorias de carácter sumptuário.

Verificámos não só que os contactos comerciais se mantiveram ininterruptamente, ou seja, desde o século VIII ao século XIII, como o facto das peças exógenas apesar de terem sido utilizadas sobretudo pelas elites, também o foram pela população em geral.

Os espólios importados, de diferentes áreas do Mediterrâneo Oriental, eram mais numerosos nos séculos VIII e IX, nomeadamente as cerâmicas esmaltadas com decoração monócroma ou policroma. Atribuiu-se ao século X um fragmento com decoração dourada, de provável proveniência egípcia, enquanto durante o século XIII surgiram vidros com possível origem oriental.

A redução dos contactos comerciais com o Oriente deve estar relacionada com o corte político-religioso das cortes peninsulares com as daquela região, como com o início das Cruzadas e a perda da supremacia muçulmana no Mar Mediterrâneo.

Os materiais de produção, ou de influência, norte-africana são mais relevantes nas ocupações corres-

pondentes aos dois primeiros séculos da permanência islâmica em Silves. Eles são, novamente, abundantes nos séculos XII e XIII, com almorávidas e almoadas, momento em que existe grande difusão de espólios semelhantes em ambas orlas do Mediterrâneo Ocidental.

Bibliografia

ALARCÃO, J., 1990, O Domínio Romano, *Nova História de Portugal, vol. I, Portugal das Origens à Romanização*, Ed. Presença, pp. 345-381, Lisboa.

ALVES, F.J.S., SOARES, A.M.M., CABRAL, J.M.P., GOMES, M.V. & RIBEIRO, M.I.M., 1994, Datações de radiocarbono relacionadas com o património arqueonáutico em Portugal, *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol. 34, pp. 405-411, XII ests.

ANTUNES, M.T., 1991, Restos de Animais no Castelo de Silves (Séculos VIII-X) - Contribuição para o Conhecimento da Alimentação em Contexto Islâmico, *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 41-74.

1997, Arqueozoologia Medieval em Silves, *Setúbal Arqueológica*, vol. 11-12.

ARIÉ, R., 1987, España Musulmana (Siglos VIII-XV), *História de España*, vol. III, Ed. Labor, 558 pp., Madrid.

BLÁZQUEZ, A., 1901, *Abu-Ab-Alla-Mohamed-al-Edrisi - Descripción de España*, s/ ed., 63 pp., Madrid.

BORGES, A.G. de M., 1991, Panorâmica da Epigrafia Árabe em Portugal, *Estudos Orientais*, vol. II, pp. 91-102.

BOUCHARLAT, R., LECOMTE, O., GARDIN, J.C. & GYSELEN, R., 1987, *Fouilles de Tureng Tepe*. 1. *Les Périodes Sassanides et Islamiques*, Ed. Recherches sur les Civilisations, Mémoire n°74, 238 pp., 163 ests, 32 figs, Paris.

COELHO, A.B., 1975, *Portugal na Espanha Árabe*, vol. II, Ed. Seara Nova, Col. Paralelos, 399 pp., Lisboa.

DOMINGUES, J.D.G., 1981, *Muralhas e Torres da Almedina de Silves*, texto policopiado, 21 pp., Silves.

GOMES, M.V. & GOMES, R.V., 1989, O Poço-cisterna, Almoada, de Silves (Algarve, Portugal), *El Aqua en Zonas Áridas; Arqueologia e Historia*, Instituto de Estudios Almerienses, pp. 575-605, Almeria.

1990, Dispositivos Defensivos de Silves (Algarve), Portugal, *Moçarabe em Peregrinação a S. Vicente*, Caminus, pp. 59-66.

GOMES, R.V., 1988, Cerâmicas Muçulmanas do Castelo de Silves, *Xelb* 1, 294 pp.

1989, A Arquitectura Militar Muçulmana, *História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, Ed. Alfa, pp. 27-37, Lisboa.

1990, Resultados da última campanha de escavações arqueológicas no Castelo de Silves, *Encontros de Arqueologia do Algarve*, pp. 137-151, Delegação Regional do Sul da Secretaria de Estado da Cultura, Faro.

- 1991, Cerâmicas muçulmanas, orientais e orientalizantes do Castelo de Silves (peças esmaltadas, policromas e de reflexo metálico), *Estudos Orientais*, vol.II, pp. 13-39.
- 1993, Fragmento de placa insculturada do Castelo de Silves, *Arqueologia Medieval*, nº2, pp. 79-83.
- GÓMEZ-MORENO, M., 1940, La Loza Dorada Primitiva de Málaga, *Al-Andalus*, vol.V, pp. 383-389, 21 figs.
- GRABAR, O., 1984, *La Formacion del Arte Islámico*, Ed. Cátedra, 242 pp., 131 figs, Madrid.
- HERCULANO, A., 1847, *História de Portugal*, tomo II, Livro I e II, Ed. Aillaud Bertrand, 316 pp., Lisboa.
- KERVAN, M., 1977, Les Niveaux Islamiques du Secteur Oriental du Tépé de l'Apadana, II, Le Matériel Céramique, *Cahiers de la D.A.F.I.*, pp. 75-161.
- LÉVI-PROVENÇAL, E., 1938, *La Péninsule Ibérique au Moyen Age d'après le Kitab Ar-Rawd al-mi'tar Fi Habar al-Aktar d'Ibn Abd al-Mun'im al-Himiari*, Brill S.A., Publications de la Fondation de Goeje, nº XII, 310 pp., Leiden.
- 1953, La Description de l'Espagne d'Ahmad al-Razi - Essai de Reconstitution de l'Original Arabe et Traduction Française, *Al-Andalus*, vol. XVIII, pp. 51-108.
- LOPES, D., 1895, Cousas Arabico-Portuguesas-Cerco de Silves, *O Archeologo Português*, vol. I, pp. 274-279.
- MARINHO, J.R., 1991, Panorâmica da Numismática Muçulmana em Portugal, *Estudos Orientais*, vol.II, pp. 85-90.
- MATOS, J.L., 1983, Malgas Árabes do Cerro da Vila, *O Archeologo Português*, Série IV, vol. I, pp. 375-389.
- MOLINA, L., 1983, *Una Descripción Anónima de al-Andalus*, Instituto Miguel Asin, 351 pp., Madrid.
- PALAZÓN, J.N., 1986, *La Ceramica Islamica en Murcia*, Ed. Centro Municipal de Arqueologia e Ayuntamiento de Murcia, 335 pp., 707 figs, Murcia.
- 1986a, *La Ceramica Esgrafitada Andalusi de Murcia*, Publications de la Casa de Velazquez, Série Etudes et Documents II, 99 pp., 47 figs, Madrid.
- 1991, *Una Casa Islámica en Murcia, Estudio de su Ajuar (Siglo XIII)*, Centro de Estudios Arabes y Arqueologicos Ibn Arabi, 276 pp., 1 mapa, Murcia.
- PÁLAZON, J.N. & AVILÉS, A.G., s/d, Aproximación a la Cultura Material de Madinat Mursiya, *Murcia Musulmana*, Ediciones Almudi, pp. 253-350, 59 figs, Murcia.
- PATITUCCI, S. & UGGERI, G., 1984, *Failakah Insediamenti Medievali Islamici, Ricerche e Scavi nel Kuwait*, L'Erma di Bretschneider, 458 pp., CVI ests, 2 mapas, Roma.
- PHILON, H., 1980, *Early Islamic Ceramics, Ninth to Late Twelfth Centuries*, Ed. Islamic Art Publications, S.A., 323 pp., 645 figs, Atenas.
- PIMENTA, A., 1982, *Fontes Medievais da História de Portugal*, vol.I, Livraria Sá da Costa, 335 pp., Lisboa.
- ROSEN-AYALON, M., 1974, *Ville Royale de Suse IV, La Poterie Islamique*, Librairie Orientaliste Paul Geuthner, 313 pp., VII ap., LXIX ests, Paris.
- SAUER, J.A., 1982, The Pottery of Jordan in the Early Islamic Periods, *Studies in the History and Archaeology of Jordan*, I, Department of Antiquities, pp. 329-337, Amman.
- SCHIOLER, T., 1973, *Roman and Islamic Water-Lifting Wheels*, Odense University Press, 201 pp., 144 figs, 9 ests, Odense.
- SEYBOLD, C.F., 1903, Onomatologia Árabe-portuguesa, Monchique e Arrifana d'Algarve, Chez les Auteurs Arabes, *O Archeologo Português*, vol.VIII, pp. 123-126.
- SMITH, A.C., 1985, *Lustre Pottery, Technique, Tradition and Innovation in Islam and the Western World*, Ed. Faber and Faber, 246 pp., 102 figs, London.
- SOUSTIEL, J., 1985, *La Céramique Islamique*, Ed. Vilo, 427 pp., 394 figs, Paris.
- TORRES, C., PALMA, M.P., REGO, M., e MACIAS, S., 1991, Cerâmica Islâmica de Mértola - Proposta de Cronologia e Funcionalidade. *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*, Campo Arqueológico de Mértola, pp. 497-536, Mértola.
- VASCONCELLOS, J.L., 1902, Candeias Árabes do Algarve, *O Archeologo Português*, vol.VII, pp. 119-125.
- 1918, Pelo Sul de Portugal, *O Archeologo Português*, vol. XXIII, pp. 104-138.
- VIANA, A., FORMOSINHO, J. & FERREIRA, O.V., 1953, De lo Prerromano a lo Arabe en el Museu Regional de Lagos, *Archivo Español de Arqueologia*, vol. XXVI, nº 87, pp. 113-138, VIII ests.
- WILKINSON, C.K., 1973, *Nishapur Pottery of the Early Islamic Period*, Metropolitan Museum of Art, 374 pp., 200 figs, 5 ests, New York.
- WILLIAMSON, A., 1987, Regional Distribution of Medieval Persian Pottery in the Light of Recent Investigations, *Syria and Iran, Three Studies in Medieval Ceramics*, Oxford Studies in Islamic Art, IV, Oxford University Press, pp. 11-22, 6 ests, Oxford.

(Texto entregue para publicação em 1992)